

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores

Janaina de Sousa ARAGÃO¹
Laura Noemi CHALUH²

Resumo

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado que tomou como objeto de estudo a experiência de uma professora de teatro que promoveu um curso de formação pautado na contação de histórias dramatizadas para professores da Educação Infantil. Tratou-se de uma pesquisa narrativa que teve como objetivo geral investigar as contribuições e as potencialidades da contação de histórias dramatizadas na constituição docente. Neste artigo, apresentamos parte do trabalho desenvolvido no curso de formação para compreender de que forma a contação de histórias dramatizadas promove uma educação sensível. O inventário de materiais é composto pelo diário de bordo coletivo dos professores, relatos de experiências e fotografias. A interpretação dos dados foi inspirada no paradigma indiciário. Como contribuições destacamos que essa prática possibilitou a redescoberta do corpo, a expressividade por meio de diferentes linguagens e o fazer junto.

Palavras-chave: Corpo. Educação. Prática Pedagógica.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista, *câmpus* Rio Claro. Professora de Artes e Teatro no Instituto Federal de São Paulo, *câmpus* Piracicaba. Participante do Grupo de Estudos Escola, Formação e Alteridade (GREEFA, CNPq).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2574-0350>

E-mail: artejana.aragao@gmail.com

² Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista, *câmpus* s Rio Claro. Coordenadora Grupo de Estudos Escola, Formação e Alteridade (GREEFA, UNESP, CNPq).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0014-7232>

E-mail: laura.chaluh@unesp.br

Sensitive education and dramatized storytelling: contributions to teacher formation

*Janaina de Sousa ARAGÃO
Laura Noemi CHALUH*

Abstract

This article is part of a doctoral research which object of study was the experience of a theater teacher who developed a formation course based on dramatized storytelling for Early Childhood Education teachers. It is a narrative research whose general objective was to investigate the contributions and potentialities of dramatized storytelling for teacher constitution. In this article we present part of the work developed in the formation course to understand how dramatized storytelling promotes sensitive education. The inventory of materials includes the teachers' collective logbook, reports of experiences and photographs. The interpretation of data was inspired by the indiciary paradigm. As a contribution, we highlight that this practice made possible the rediscovery of bodies, expressiveness through different languages and doing together.

Keywords: Body. Education. Pedagogical Practice.

Educación sensible y narración de historias dramatizadas: contribuciones para la formación de profesores

*Janaina de Sousa ARAGÃO
Laura Noemi CHALUH*

Resumen

Este trabajo es un recorte de una investigación de doctorado que tuvo como objeto de estudio la experiencia de una profesora de teatro que desarrolló un curso de formación con pautas para narrar historias dramatizadas para profesores de Educación Infantil. Se trató de una investigación narrativa que tuvo como objetivo general investigar las contribuciones y potencialidades de narrar historias dramatizadas para la constitución docente. En este artículo presentamos parte del trabajo desarrollado en el curso de formación para comprender de qué forma narrar historias dramatizadas promueve una educación sensible. El inventario de materiales está formado por el diario de abordaje colectivo de los profesores, relatos de experiencias y fotografías. La interpretación de los datos fue inspirada por el paradigma indiciario. Como contribución destacamos que esa práctica posibilitó el redescubrimiento del cuerpo, la expresividad por medio de diferentes lenguajes y el hacer juntos.

Palabras Clave: Cuerpo. Educación. Práctica Pedagógica.

Introdução

O presente trabalho, recorte da pesquisa realizada pela primeira autora deste artigo, tematizou a contação de histórias dramatizadas e sua relação com a promoção de uma educação sensível. Para isso, no primeiro semestre de 2018, a professora de teatro e pesquisadora ofereceu um curso de formação continuada intitulado “Jogos Teatrais e Contação de Histórias” para professores da Educação Infantil da rede de ensino de um município do interior do estado de São Paulo. No segundo semestre daquele mesmo ano, a professora de teatro semanalmente acompanhou e participou da organização do trabalho pedagógico desenvolvido por uma das professoras que participaram do curso e que era responsável por um grupo de crianças da Educação Infantil II, com idades entre 5 e 6 anos, para, juntas, desenvolverem propostas tendo como horizonte a contação de histórias dramatizadas.³

Após a finalização dessas propostas de formação, a professora de teatro tomou como objeto de estudo de sua pesquisa a experiência vivida nesses dois espaços formativos. O objetivo geral da pesquisa foi investigar as contribuições e as potencialidades da contação de histórias dramatizadas na constituição docente. Tratou-se de uma pesquisa narrativa (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015), que discorreu sobre a experiência do vivido, discutindo o que foi vivenciado, e não inventado, e muito menos previsto.

Lima, Geraldi e Geraldi (2015) definem quatro tipos de pesquisa narrativa no contexto da educação: 1- a narrativa como construção de sentidos para um evento; 2- a narrativa (auto) biográfica; 3- a narrativa de experiências planejadas para serem pesquisadas; e 4- a narrativa de experiências do vivido. Esta última perspectiva foi a assumida pela professora de teatro e pesquisadora.

Os mesmos autores consideram que as pesquisas narrativas de experiências do vivido:

[...] só passam a existir porque, havendo uma experiência significativa na vida do sujeito pesquisador, este a toma como objeto de compreensão. Essas pesquisas decorrem de uma situação não experimental, mas vivencial. Podem ser chamadas de narrativas de experiências educativas. A especificidade delas reside no fato de que o sujeito da experiência a narra para, debruçando-se sobre o próprio vivido e narrado, extrair lições que valham como conhecimentos produzidos *a posteriori*, resultando do embate entre a experiência e os estudos teóricos realizados após a experiência narrada. (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015, p. 26-27)

Para este artigo apresentamos parte dos acontecimentos vivenciados pela professora de teatro junto aos professores no referido curso. Compartilhamos acontecimentos nos quais a professora

³ O conceito de contação de histórias dramatizadas será apresentado no tópico “O que é a contação de histórias dramatizadas?”.

teatro esteve implicada, envolvida em um processo formador e formativo. Professora que foi afetando e sendo afetada, compartilhando conhecimentos, histórias e experiências. Entendemos a experiência, no sentido apontado por Larrosa (2002, p. 25-26), como “[...] aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”.

Para compor o presente trabalho são considerados materiais: o diário de bordo coletivo dos professores participantes do curso (escritas individuais em papéis coloridos), os relatos de experiência dos professores (escritas individuais) elaborados no final do curso e fotografias. Os relatos de experiência dos professores são acompanhados por desenhos elaborados por Pietra Bella Guarnieri Machado.

Gostaríamos de salientar que compartilhamos da concepção de fotografia explicitada pelos autores Mattos, Zanella e Nuernberg (2014), os quais, a partir de uma perspectiva bakhtiniana, compreendem:

[...] a fotografia como produção discursiva e dialógica, na medida em que sua existência está na perpétua comunicação com os outros, no entrecruzamento de olhares que, mediados pela linguagem, viabilizam sua existência e possibilitam a constituição de sentidos outros. As fotografias, por conseguinte, expressam olhares: trazem imagens de objetos, pessoas e contextos significativos que se convertem em signo, “o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade”. (BAKHTIN, 2010a, p. 31), sendo o refratar possibilidade de construção de novos mundos. (MATTOS; ZANELLA; NUERNBERG, 2014, p. 906)

A produção da obra/pesquisa contemplou diferentes linguagens na tentativa de ampliar os sentidos, o envolvimento e a comunicação com o leitor.

A interpretação dos dados foi inspirada no Paradigma Indiciário (GINZBURG, 1989), que é um método interpretativo que nos instiga a procurar, por meio de pistas e sinais, a princípio considerados irrelevantes e marginais, indícios que revelam a constituição dos sentidos e, assim, provoca-nos a estar atentas ao que não é dito, aos sussurros, aos corpos presentes, ainda que muitos estivessem ausentes, longe do que se vivia no contexto do curso.

Ao nos inspirarmos no paradigma indiciário, precisamos estar atentas tanto aos indícios que surgem no encontro com os outros (no mundo vivido) como àqueles que se mostram no momento de nos depararmos com todo o material produzido ao longo do curso. Em ambos os casos, os indícios que aparentemente não tinham importância no momento de retomar o vivido foram a chave para compreender além daquilo que se intuía. Para Ginzburg (1989, p. 149) trata-se “[...] de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores”.

Ginzburg (1989) considera que os indícios são:

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores

[...] formas de saber tendencialmente *mudas* – no sentido de que, como já dissemos, suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas. Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição. (GINZBURG, 1989, p. 179, grifos do autor)

Inspiradas nesse método interpretativo assumimos uma perspectiva investigativa que nos autoriza enquanto autoras a desenvolver nossa intuição.

Como já referido, neste artigo iremos compartilhar parte dos acontecimentos vividos com os professores no curso, tendo como objetivos compreender as práticas de formação que promoveram uma educação sensível e, ainda, explicitar de que forma a educação sensível contribui para a formação de professores.

A experiência no curso de formação...

No início de 2018, a primeira autora deste trabalho ofereceu um curso de formação continuada, de 30 horas/a, intitulado “Jogos Teatrais e Contação de Histórias”, do qual participaram 24 professores, sendo dois homens e 22 mulheres que lecionavam na Educação Infantil, na Rede Municipal de Rio Claro/SP.⁴

Todos os professores participantes do curso eram formados em Pedagogia por universidades e faculdades públicas e privadas, entre elas: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Faculdade Anhanguera e Centro Universitário Claretiano. Tratava-se de um grupo heterogêneo, com idades entre 25 e 56 anos, alguns em início de carreira, muitos com mais de 10 anos de profissão e uma professora que estava prestes a se aposentar. O curso teve como objetivos:

[...] promover dinâmicas para que os professores reconhecessem em seus próprios corpos as infinitas possibilidades expressivas e a compreensão que esses corpos podem ser produtores de histórias; que ampliassem seu repertório pessoal de histórias; que compreendessem o espaço da sala de aula como possibilidade de criação coletiva; que percebessem o uso dos jogos, histórias e acessórios cênicos como recursos pedagógicos e artísticos. (ARAGÃO, 2021, p. 36).

Os encontros aconteceram às quintas-feiras das 19 às 22 horas, de março a julho de 2018, na sala 43 do Instituto de Biociências da UNESP – Campus Rio Claro. Cada encontro teve uma temática

⁴ O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em 7 de dezembro de 2017 e tem como número de parecer 2.422.743. Posteriormente entramos em contato com os responsáveis da SME a fim de obtermos o aval para a realização do curso. Os professores firmaram o Termo de Consentimento Livre e Consentido (TCLE) e estavam cientes de que o material produzido no curso seria utilizado para a pesquisa.

e as propostas sempre eram flexíveis em função do vivido naquele espaço com os outros. Uma questão se manteve, porém, constante e atravessou os 10 encontros, todos pautados na prática de contação de histórias dramatizadas.

No primeiro encontro foram feitas duas proposições. A primeira foi que o registro fotográfico dos encontros seria realizado por uma amiga da professora de teatro e pesquisadora e que isso não prejudicaria o andamento do encontro. A segunda proposição foi construir um diário de bordo coletivo, onde cada professor participante era convidado a registrar suas impressões sobre os encontros por meio de escritas ou de trechos de músicas, poesias ou desenhos. Os participantes eram convidados a escrever no início de cada encontro, pois as memórias do encontro anterior ainda estariam latentes, sem ter a interferência do encontro que se iniciaria.

Acreditamos na potencialidade da escrita consoante a perspectiva apresentada por Camargo e Chaluh (2014), professoras universitárias que promovem propostas de práticas de escrita entre seus estudantes. As autoras afirmam que:

As propostas que dispararam as produções escritas divergem e não necessariamente seguem pelos mesmos caminhos; o que as unifica é acreditar na potencialidade da escrita como processo formativo, é fazer da utilização de um caderno individual com registros acerca dos acontecimentos vividos nos encontros na sala de aula, ou em um caderno coletivo de registros ou de um relatório de final de curso um lócus de registro e interlocução (consigo mesmo, com o vivido, com o experienciado), e garantir a reserva de um material considerando o conteúdo escrito, as formas e estilos da escrita, e os suportes que ancoram a escrita. (CAMARGO; CHALUH, 2014, p. 166)

O curso teve como premissa que os professores vivenciassem práticas corporais, experimentassem jogos teatrais⁵ e diferentes técnicas⁶ de contação de histórias e, ainda, que pudessem construir recursos não apenas para contar histórias, mas ampliar o seu repertório. Enfim, experimentar o sentido da construção coletiva tendo como foco a contação de histórias dramatizadas, contexto no qual foi possível rir e se maravilhar. Assim, os professores eram convidados a se movimentar pelo espaço, sair das cadeiras e vivenciar as dinâmicas, a experimentar e se conectar com outras possibilidades da arte de contar histórias.

Por se tratar de um curso prático, foi importante considerar o aspecto corporal. Concordamos com Strazzacappa (2001) quando ela afirma que:

[...] seria muito mais salutar ensinar os professores a pensar com o corpo, que

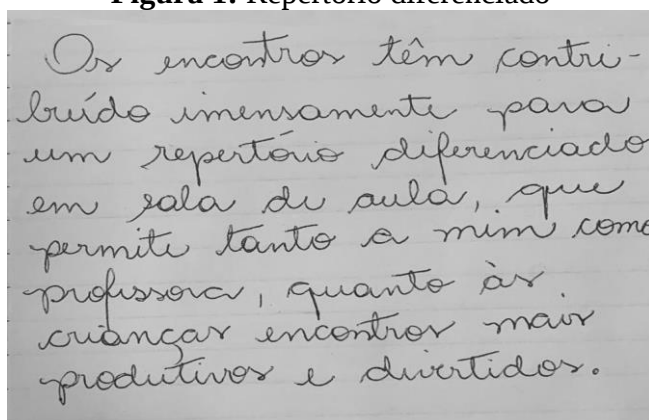
⁵ Para conhecer melhor a proposta dos Jogos Teatrais, sugerimos a leitura dos livros de: SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1998; DESGRANGES, Flávio. Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2017.

⁶ Técnicas e recursos para contar histórias que foram compartilhados: a construção de avental de histórias, dedoches, cartas para contar histórias, histórias sonorizadas, teatro de bonecos de vara e de sombra, ação/narração e interpretação, entre outras.

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores ficar discutindo sobre o corpo, como se este fosse um objeto à parte de nós mesmos. Ao mexer com o corpo, ao criar, ao se expressar, estes professores estavam adquirindo informações, sensações que seguramente iriam, mais tarde, nutrir e enriquecer suas análises e discussões teóricas. Acreditava-se que, numa oficina deveria oferecer-lhes o que não encontrariam em livros: a oportunidade de tocar e ser tocado, de expressar e ser visto, de falar e ouvir com o corpo todo. (STRAZZACAPPA, 2001, p. 76-77)

Essa oportunidade que Strazzacappa (2001) indica *de tocar e ser tocado, de expressar e ser visto, de falar e ouvir com o corpo todo* foi sentida pela professora Merida⁷ e ficou registrada no diário de bordo coletivo, como apresentamos a seguir:

Figura 1: Repertório diferenciado



Fonte: Acervo Aragão (2021).

Esse repertório diferenciado que a professora Merida descreve surgiu a partir de práticas vivenciadas no curso de formação, da possibilidade das trocas de experiências, de espaços de fala e de escuta, da oportunidade de se expressar. Como já referido, em cada encontro os professores eram convidados a vivenciar e experienciar diferentes técnicas de contação de histórias, explorar acessórios cênicos, criar histórias imaginadas, sonhadas, entrar no mundo do faz de conta, ousando ser o personagem que quisessem ser e, assim, deixando as histórias, ainda que fossem absurdas, ganharem vida.

⁷ Os professores participantes da pesquisa receberam nomes fictícios. Esses nomes foram inspirados em personagens de histórias infantis, de contos de fadas, do mundo do faz de conta, de clássicos da Literatura Infantil, desenhos e até de filmes de animação.

O que é a contação de histórias dramatizadas?

Como já citado, a primeira autora deste trabalho é formada em teatro e a contação de histórias dramatizadas é vista por ela a partir dessa perspectiva. Aragão (2021), a partir do diálogo com Matos (2015), Busatto (2018), Girardello (2014) e Strazzacappa (2014), construiu o seguinte conceito:

Contação de histórias dramatizadas é uma linguagem artística contemporânea, que ocupa um **entrelugar**, onde o contador de histórias se assume enquanto *performer* e na sua *performance* - contando histórias- transforma seu corpo em *cenário da ação*, sem nunca esquecer o olho no olho com o público e sem se perder da história. (ARAGÃO, 2021, p. 68, grifos do autor)

A história de um livro que foi contada pela mãe, pai, avós, histórias da comunidade na qual estamos inseridos, histórias contadas por professores e professoras, histórias inventadas em dias de lua cheia, histórias contadas em volta das mesas...

As histórias são a inspiração do contador de histórias. Quem assume fazer uma contação de histórias dramatizadas nunca perde a história da cabeça. Mesmo não estando com os livros em mãos, ela está gravada na memória, no coração, na transformação do seu corpo em *cenário da ação*. Assume também que o inusitado pode entrar na história, como falas de ouvintes, barulhos externos, repetições... E é na *performance* da contação que o contador, ao olhar o seu público no olho, conduz a história para o tempo do *Agora eu era...* (MACHADO, 2015), tempo que assumimos na contação de histórias.

Estar em *performance* na contação de histórias dramatizadas é também assumir que existe um *entrelugar* que precisa ser construído, respeitado, dividido. É um *entrelugar* que necessita de espaço nas escolas, porque nele se faz barulho, produz-se conhecimento, nele se respira arte e somos encorajados a experienciar vivências outras.

Aragão (2021, p. 223) afirma que o curso “Encorajou a formação e descoberta do professor cria(nça), que no meu entendimento é aquele professor que cria, se arrisca, se joga, compartilha, que ensina e aprende na experiência viva e alteritária com seus alunos”. Juntamente com a autora, acreditamos na potencialidade de ser um professor cria(nça), e, por isso, a necessidade de proporcionarmos espaços para a criação coletiva, para a experimentação artística com a contação de histórias, para a autoria das crianças e também dos professores. É, além disso, vivenciar diferentes situações, personagens, histórias, sem ter medo de ser ridículo. Na sua tese, Aragão (2021, p. 216) explicita o sentido do ser ridículo no contexto da sala de aula: “[...] ser ridículo é ser autêntico, espontâneo, livre, é estar feliz com as suas escolhas, é vivenciar o momento, sem preocupação com o

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores olhar preconceituoso de alguns (sim, infelizmente ainda existem). É rir junto, descobrir junto, brincar junto, experienciar junto”.

Talvez ser ridículo pareça pejorativo, porém, no contexto do trabalho formativo desenvolvido por Aragão (2021), esse termo aparece atravessado com a possibilidade de se expressar sem qualquer tipo de receio, medo ou até de julgamento por parte dos outros. Viver sem ter medo de ser ridículo.

Lembramos as considerações de Freire (2001) ao explicitar que não devemos acreditar que a alegria e a seriedade em ser professor são sentimentos antagonistas, que não podem estar juntos na sala de aula. Para Freire (2001, p. 160) “Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. Ensinar é a possibilidade de deixar-se afetar, de extravasar sentimentos e afetos. Rir, sem deixar de ser sério, sem esquecer nosso compromisso com a educação, com os alunos, sempre repensando e reavaliando nosso fazer docente.

A seguir, na Figura 2, apresentamos uma imagem que traz a ideia de ser ridícula.

Figura 2: Ridícula, sim



Fonte: Acervo Aragão (2021).

A Figura 2 mostra a primeira autora deste trabalho fazendo a contação dramatizada da história *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (2010). A professora de teatro se permitiu ser ridícula, ou melhor, autêntica, possibilitando que os sentimentos aparecessem, sentindo-se, assim, livre e feliz em poder compartilhar esse momento com o grupo de professores. O compartilhamento de experiências pode inspirar professores a experienciar também com seus alunos a prática da

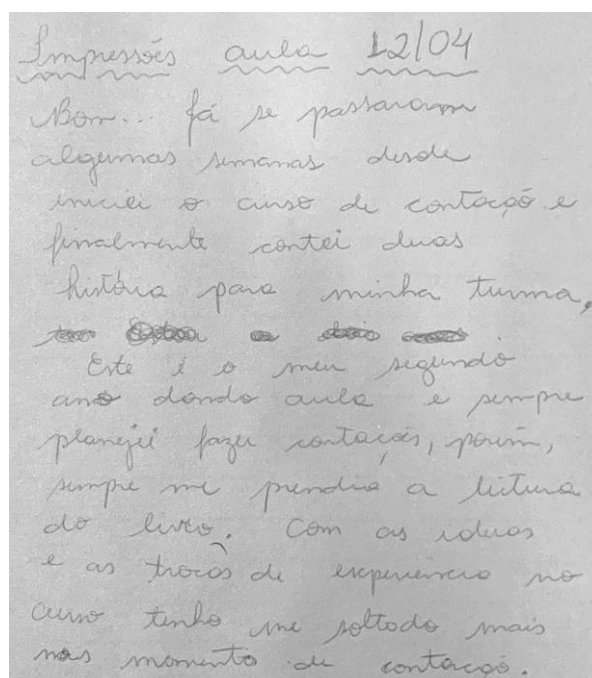
contação de histórias dramatizadas na sala de aula e na escola no contexto de liberdade e autenticidade.

Ao ter contato com a contação de histórias dramatizadas, os professores vivenciaram uma experiência que passou pelo corpo, que provocou, que fez transcender os limites da linguagem verbal.

A narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito). [...] Assim definido, o narrador, figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir e dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. (BENJAMIN, 1997, p. 220-2).

A potência de ser na contação de histórias dramatizadas, em contato com a experiência alheia e provocada pelo encontro com o outro, possibilitou que alguns dos professores participantes do curso se arrissem a promover um fazer docente diferente, ou melhor, que se transformassem no sentido apontado por Larrosa (2006). O autor nos diz que essa transformação é de suas palavras, de suas ideias, de seus sentimentos. O sujeito da experiência experimenta algo, mas, principalmente, a experiência de sua própria transformação, o que é possível visualizar no registro da Figura 3.

Figura 3: Tenho me soltado mais na contação de histórias



Impressões aula 12/04
Bon... já se passaram
algumas semanas desde
inicié o curso de contação e
finalmente contei duas
histórias para minha turma,
~~to~~ ~~esta~~ ~~a~~ ~~de~~ ~~cont~~
Este é o meu segundo
ano dando aula e sempre
planejei fazer contações, porém,
sempre me prendia a leitura
do livro. Com as ideias
e as trocas de experiências no
curso tenho me soltado mais
nos momentos de contação.

Fonte: Acervo Aragão (2021).

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores

A professora Moana expressa seu medo diante de uma prática de contação de histórias. Ela afirma que ficava amarrada, atrelada à leitura e, com isso, impondo barreiras à sua expressão. Quais as implicações de uma prática amarrada à leitura em relação às crianças? Acreditamos que, independentemente da faixa etária com a qual trabalhamos, precisamos, muitas vezes, nos permitir ser ridículos, autênticos, afinal, somos todos seres expressivos, cada qual com sua dose de expressividade cênica.

Em função dessas questões é que questionamos: sentar-se no chão com as crianças, brincar de faz de conta, falar vozes outras é ser ridículo? Cantar com os adolescentes, imitar alguém famoso para que eles entendam determinada situação, colocar uma peruca e gritar como uma fã enlouquecida na apresentação de um clipe é ridículo? Acreditamos que, para algumas pessoas, as quais não estão envolvidas na vida vivida com os alunos em sala de aula, pode até parecer ridículo, no sentido pejorativo da palavra, mas nós enxergamos esse ser ridículo como ser autêntico, libertador, encorajador. São essas relações de alteridade que sustentam a educação sensível e deixam outras histórias aparecerem, possibilitando que os imprevistos ganhem vida.

Escutar histórias, escutar o outro

Escutar as experiências de nossos pares, os professores, é uma oportunidade de aprendizagem ímpar. É possibilitar espaços para o movimento de uma escuta sensível, promovendo uma educação sensível. Segundo Ostetto, Ferreira e Prezotto (2015):

A escuta sensível permeia todos os outros princípios aqui tratados, pois para que a confiança, o diálogo, a negociação e a afetividade/amizade aconteçam é necessário que este ouvir o Outro esteja presente. A escuta sensível faz com que, de fato, possamos conhecer o Outro na sua totalidade humana, pois estamos nos aproximando e conhecendo a multiplicidade da pessoa que está conosco: seus medos, suas angústias, seus desejos, suas dores, suas alegrias, suas frustrações, seus princípios, suas ideias... (OSTETTO; FERREIRA; PREZOTTO, 2015, p. 10)

Tratamos da educação sensível porque acreditamos que ela coloca em pauta alguns princípios já explicitados por Freire (2001), com quem nós compactuamos: uma relação educativa (pensada e praticada) que contempla a horizontalidade, o diálogo, a escuta. Temos aprendido com ele a importância do diálogo e da escuta numa educação que se pretende humanizadora, problematizadora e libertadora. Suas concepções sobre a educação bancária ainda são válidas, tendo em vista que ainda temos que lutar diariamente contra uma educação que apaga o sujeito, que o coloca na escuta de palavras ocas.

Quando Freire (2001, p. 135) trata dos saberes necessários ao professor, faz referência ao saber escutar, que é a “[...] disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, à diferença do outro”. Segundo ele, se o nosso sonho é democrático e solidário, não é falando aos outros (de cima para baixo) “[...] que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro *fala com ele*” (FREIRE, 2001, p. 127). Segundo Freire (2001), só quem considera a formação integral do ser humano é que pode perceber a necessidade de escutar para falar com ele.

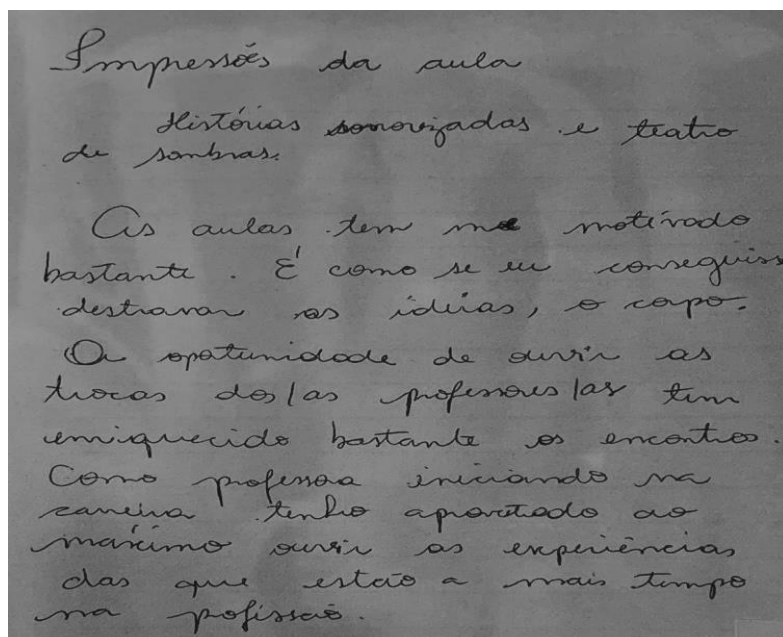
Freire (2009), ainda nos alerta de que:

É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. (FREIRE, 2009, p. 12)

Nas noites de quinta-feira, a professora de teatro e o grupo de professores, além de se encontrarem imersos em um processo artístico e criativo, estavam atentos a escutar um ao outro com o corpo inteiro.

A professora Moana escreveu, no diário de bordo, sobre como essa oportunidade de escutar o outro a afetou:

Figura 4: Trocando e ouvindo experiências



Fonte: Acervo Aragão (2021).

Conseguimos perceber, na escrita da professora Moana, indícios de uma educação sensível e também de uma ousadia em ensinar. Sua escrita revela o quanto a oportunidade de escutar o outro a tocou e

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores motivou, pois ela, como professora em início de carreira, pôde ter essa experiência de escuta sensível e, assim, repensar a sua prática em sala de aula a partir da fala e da experiência do outro. A professora Moana ainda afirma que os encontros a têm motivado bastante, como se ela conseguisse destravar as ideias, o corpo. Interessante observar que, na fala da professora Moana, surge a ideia de “destravar” o corpo, como se até pouco tempo ela se sentisse presa. E perguntamos: que formação é essa que trava nosso corpo? Que processos formativos temos vivenciado para permanecermos amarradas e engessadas àquilo que está legitimado na escola, que é o conhecimento escolar que desconsidera o corpo e a questão do sensível?

Foi a prática com a contação de histórias dramatizadas que provocou a redescoberta do corpo e de suas diferentes expressividades cênicas, como se a cada jogo proposto, a cada contação de histórias, os professores pudessem se redescobrir na experimentação. Essa prática nos lembra de que “O corpo é suporte, cenário, linguagem – gestos, movimento, ritmos, pausas (espaço e tempo). E é na relação com outros que ele se faz” (ÁVILA; FERLA, 2017, p. 738).

Retomamos as inquietações provocadas pelas considerações feitas pela professora Moana: o que nos leva, muitas vezes, a travar as ideias e o corpo? Não temos respostas únicas, mas percebemos, a partir da nossa prática, alguns indícios... A rotina de ser professor várias vezes nos engole, engessamos, paralisa e cansa. Por vezes, somos envolvidos em tanta burocracia, que esquecemos do prazer, da experiência de estar com nossos alunos e descobrir com eles histórias, espaços, materiais... às vezes nos sentimos impotentes e paralisados perante uma situação que nos entristece ou uma fala discriminatória, a falta de empatia ou a fala de uma criança que não quer brincar porque a mãe diz que ela não pode se sujar. Em muitos momentos engessamos nosso corpo e nossos sorrisos para parecermos profissionais sérios e, assim, frustramo-nos, porque não vivenciamos o dia a dia. Sentimos que, às vezes, apenas deixamos o dia passar sem nos afetar. É fácil ceder a esses rompimentos? Claro que não! Mas é possível, sim! Com muita coragem e persistência. A arte, com certeza, é uma aliada que nos permite ser mais humanos.

Compartilhamos dos pensamentos e sentimentos expressos na escrita da professora Merida em seu relato de experiência. Apresentamos suas considerações, pois explicitam de que forma o curso de formação a encorajou:

Figura 5: Relato de experiência da professora Merida

Nossos encontros foram incríveis, momentos únicos de trocas inquietantes, motivadoras e acima de tudo cheias de alegria. Minha jornada no universo da educação está apenas começando e quando pensei em um curso de “Contação de Histórias e Jogos”, logo me remeti a algumas experiências anteriores, nas quais enquanto “aprendizes” os cursistas ou eram mero espectadores ou deveriam produzir materiais sem orientação alguma, como busco levar para dentro da sala de aula algo que seja surpreendente, diferente e significativo, decidi tentar mais uma vez. Ainda bem que tentei, pois foi uma experiência peculiar e envolvente ao ponto de despertar em mim uma criança adormecida e escondida que por vezes fora esquecida.[...] Sim, esses encontros continuarão ecoando em mim por muito e muito tempo, sem dúvidas será uma lembrança deliciosa, cheia de gratidão, esperança e que me encorajará.



Fonte: Acervo Aragão (2021).

O curso de formação, pautado na contação de histórias dramatizadas envolta pela educação sensível, encorajou a professora Merida a romper esses engessamentos que a rotina nos impõe, despertar sua criança adormecida e reencontrar o seu professor cria(nça). Encorajou-a a ter esperanças, alegrias e experienciar o riso. Nessa experiência, ela redescobriu seu corpo repleto de expressividade cênica, vivenciou trocas inquietantes, experienciou a contação de histórias. Assim, acreditamos que a professora Merida, a partir de sua participação e seu envolvimento com as práticas vivenciadas no curso, poderá oferecer espaços para a experimentação aos seus alunos, promovendo uma educação sensível.

Aragão (2021), afirma que,

[...] a contação de histórias dramatizadas contribui diretamente para a constituição da dimensão estética do ser professor, pois após essas experiências vivenciadas nesses espaços formativos, os professores ao se perceberem sujeitos donos de um corpo repleto de expressividade cênica, estarão mais predispostos a se encantar e rir, contar e escutar, dialogar e silenciar... Sentindo-se assim provocados a expressar a sua ousadia e a estimular a de seus alunos, assumindo sua autoria, promovendo espaços para a troca e a construção coletiva. E acrescento que os professores

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores vivenciaram na prática uma experiência que os modificou, a ponto de se sentirem capazes de modificar o outro. (ARAGÃO, 2021, p. 93)

O curso potencializou nela a ousadia de ser quem quisesse ser, principalmente se percebendo como uma contadora ou contador de histórias dramatizadas, na descoberta de professores autores, criadores, artistas.

Conseguimos perceber a reverberação da fala de Aragão (2021) no relato de experiência da professora Alice, quando escreve que:

Figura 6: Relato de experiência da professora Alice

Apreendi técnicas incríveis de contação de histórias e jogos, brincadeiras teatrais pra lá de empolgantes que não conhecia e que com toda certeza estão recriando, redefinindo minha prática em sala de aula. Todas as quintas-feiras eu entrava no mundo da imaginação, algo que nem sempre me permito e consegui até interpretar!!! Nestes encontros evolui bastante no que se refere experimentar, novas práticas, ideias e brincadeiras. Amei! Foi uma experiência que realmente me transformou.



Fonte: Acervo Aragão (2021).

A professora Alice, ao sentir essa experiência que passou pelo seu corpo, pela sua entrega e envolvimento, por se permitir entrar no mundo da imaginação, conseguiu se perceber como um sujeito criativo, autoral, inventivo e, ainda, com um repertório ampliado e a mente renovada.

A contação de histórias dramatizadas potencializou nas aulas da professora Alice a prática da educação sensível, porque é na escola, no encontro com os alunos, que o encantamento acontece e as relações de alteridade ganham sentido.

Da relevância da prática

Aragão (2021, p. 210), ao dizer de sua experiência no curso, resgatou uma concepção de formação que está sustentada na criação de um espaço de “[...] confiança, de cumplicidade e respeito, para que os mais diversos saberes (para além do planejado) possam ser compartilhados”.

Nesse sentido, para que esse compartilhar de fato pudesse acontecer, ela não apenas fala de questões teóricas que sustentavam o seu fazer teatral; para conseguir compartilhar seu conhecimento com eles, Aragão (2021) afirma:

[...] eu mostrei o que aprendi ao longo da minha vida, com exemplos que passaram pelo meu corpo, pela minha voz (digo que pago o mico junto com eles), com a divisão e empréstimos dos meus materiais. Não falava apenas faça isso ou faça aquilo, eu mostrava, compartilhava, e assim me expunha também, assumindo essa postura do fazer junto enquanto formadora. (ARAGÃO, 2021, p. 210)

Importante evidenciar que, enquanto professores, constantemente fazemos escolhas. Dentro delas, valorizamos propostas que promovem a prática de fazer juntos pelas várias implicações que isso tem na formação daqueles que estão conosco. Ao mesmo tempo em que valorizamos esse fazer juntos, sabemos que isso implica estarmos dispostas a correr o risco de nos expor e abertas aos improvisos que podem surgir dessa postura, que sinaliza a prática da educação sensível.

Quando afirmamos que o curso trouxe uma perspectiva prática, queremos enfatizar a relevância de os participantes terem tido a possibilidade de experimentar propostas de uma educação sensível. Não basta apenas saber as técnicas ou conhecer títulos de Literatura Infantil. Salientamos aqui a ideia de vivenciar a contação de histórias dramatizadas nas suas diferentes propostas, de modo a entrar na roda viva da expressão do corpo, expressão da voz, expressão dos gestos, expressão de olhares.

É imprescindível possibilitar espaços de formação como esse para que os professores possam vivenciar a educação sensível entrelaçada com a contação de histórias dramatizadas a partir de experiências estéticas e artísticas. Aragão (2021) define essas experiências da seguinte forma:

Podemos dizer que a experiência estética pressupõe uma proposta formativa que se baseia na proposição de experiências, na apreciação da realidade, no fortalecimento dos vínculos e na sensibilização dos sujeitos. [...] Sobre a experiência artística, podemos dizer que também é uma proposta formativa que se baseia na proposição de experiências práticas com as linguagens artísticas, tendo professores e crianças como produtores de arte. Trata-se de produzir arte [...] essas duas experiências, estética e artística, estão no contemplar, no fazer, no sentir, no experimentar, em alargar o olhar para si e para o outro, perceber potencialidade nas situações, deixando diferentes histórias entrarem na sala de aula. (ARAGÃO, 2021, p. 152)

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores
Essas experiências estéticas e artísticas passam pelo corpo, pelo fazer e imaginar, pelo compartilhar, passam pelo outro e com o outro. Pensando nessas experiências vivenciadas, agora apresentamos uma situação na qual a professora de teatro mostra e se mostra, de forma a afetar os professores com essa explosão de expressões que os toca, levando-os a um contexto imaginativo no qual se permitem sentir. E, por esse motivo, precisamos que esses contextos imaginativos ecoem nas escolas, potencializando uma educação sensível.

Figura 7: Contação da história Peppa



Fonte: Acervo Aragão (2021).

A Figura 7 mostra a primeira autora deste trabalho contando de forma dramatizada a história *Peppa* (RANDO, 2009). A professora está compartilhando com o seu corpo uma história com os professores. A partir dessa situação de exposição, de exemplo que passa pelo corpo da formadora, perguntamo-nos: fazer junto é fazer diferente? Sim, é se expor. Mas todos os professores estão dispostos a fazer junto? Não, mas nós estamos além de dispostas, fazendo na prática. Acreditamos que o fazer junto é mais um dos indícios da educação sensível, pois proporciona a construção de um conhecimento prazeroso, construído coletivamente, que se vivencia e nos desafia a sair da zona de conforto, a experimentar personagens outros, a entrar no tempo do *Agora eu era...*, do contexto da imaginação.

A educação sensível permite que compartilhem diferentes saberes. Chaluh (2016), ao tratar da formação inicial de professores, argumenta a favor de:

“Saberes regados de paixão”, saberes que só tomam forma e se materializam no encontro com os nossos alunos, nas relações que instituímos, na disponibilidade para escutar e falar, na abertura para acolher experiências e saberes outros que não aqueles “planejados”. Saberes regados de paixão que temos que legitimar [...] como professores de futuros professores. Saberes que talvez “não caibam” no plano de ensino. (CHALUH, 2016, p. 41)

Saberes que não cabem no plano de ensino preparado para aquele dia específico. Inclusive, aqueles saberes que tiram a pessoa do eixo, como escreveu a professora Cachinhos Dourados em um trecho do seu relato de experiência.

Figura 8: Relato de experiência da professora Cachinhos Dourados

As quintas à noite do primeiro semestre de 2018 salvaram-me da calma opaca, aquela que nos paralisa. As quintas à noite vieram provocar o caos que em mim dormia, não por ter tanto sono assim, mas porque se escondia, fingia dormir. Salvaram-me quase todas as vezes de um dia terrivelmente mastigado e engolido pela rotina, triturado pela frustração e o sentimento de incompetência... aquele velho já conhecido de nós professores. O dia a dia mata a nossa criatividade, aprisiona nossa rebeldia. Depois ferve nossos impulsos mais apaixonados pela arte junto com nosso desgaste físico e emocional e nos oferece para beber todo santo dia. Mas as quintas à noite, ao contrário, foram um espaço de entrega, de movimento, de tocar corpos estranhos, olhar olhos estranhos... e ver de perto só para lembrar que não somos tão estranhos assim. Na verdade somos todos tão estranhamente comuns uns aos outros, e temos tanto a dizer. [...] Mais de uma vez as histórias infantis ou as brincadeiras mais aparentemente simples e destinadas a nossos alunos, fizeram-me ir de encontro comigo. Dei de encontro comigo mesma, bem de cara mesmo, toda vez que me encontrei com cada pessoa presente nessas quintas à noite. Eu vou sentir falta delas... das quintas à noite. Porque foram para mim como que um intervalo da vida, onde eu colocava os pés na grama e corria sem medo de voar mesmo sabendo que ainda não sou um pássaro... Gratidão ao universo inteiro que é cada pessoa que esteve presente nos meus voos sem asas nas nossas quintas à noite. Gratidão enorme por ter tido a alegria de compartilhar outros tantos voos sem asas... nas nossas quintas à noite.



Fonte: Acervo Aragão (2021).

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores

A escrita da professora Cachinhos Dourados revela que a educação sensível vivenciada pela prática da contação de histórias dramatizadas promove o encorajamento dos professores para que experimentem situações diferentes, inusitadas, encontrem tantos outros e com eles compartilhem histórias, fiquem com eles em movimento e, assim, consigam sair da *calmaria opaca, aquela que nos paralisa*, como afirmou Cachinhos Dourados.

O relato dessa professora revela também que essa formação possibilitou que muitos professores, assim como ela mesma, pudessem correr e voar sem medo, mesmo sabendo que não eram pássaros. A partir disso, afirmamos que é imprescindível possibilitar, nos cursos de formação e nas nossas aulas, espaços para os voos sem asas. É nesses voos que nos permitimos imaginar, sonhar e ousar ser quem quisermos ser. E, ainda, enquanto formadoras e professoras, também é necessário que estejamos atentas o tempo inteiro à singularidade de cada sujeito, pois cada um alça seu voo de um jeito diferente, em seu próprio tempo. Alguns estudantes ou professores não conseguem voar na primeira tentativa e precisamos mostrar-lhes que estamos ali, firmes, dando-lhes segurança até que esses sujeitos únicos consigam voar, mesmo que sem asas.

A experiência com o curso de formação “Jogos teatrais e contação de histórias” nos mostra a concretude de se trabalhar a educação sensível com os professores, percebendo as implicações na constituição docente. O curso proporcionou o experienciar artístico, criativo, sensível. Depois dessas experiências vivenciadas nos espaços formativos, os professores se perceberam sujeitos donos de um corpo repleto de expressividade cênica e foram encorajados a contar uma história dramatizada com o corpo inteiro, utilizando nuances vocais distintas, explorando os olhares da plateia, transformando uma caneta em uma borboleta e acreditando nessa transformação. Os professores tornaram-se mais predispostos a se encantar e rir, contar e escutar, dialogar e silenciar, sentindo-se provocados a expressar a sua ousadia e a estimular a de seus alunos, assumindo sua autoria, promovendo espaços para a troca e a construção coletiva. Essa experiência formativa alargou os saberes, proporcionou diferentes experiências com a contação de histórias, falou do vivido, possibilitou trocas e propiciou que os professores se enxergassem como autores, como sujeitos criativos, redescobrando as diferentes expressividades do seu corpo. É a educação sensível contribuindo para a formação de professores.

Reflexões acerca da educação sensível...

Acreditamos em uma educação sensível, sustentada em relações de alteridade, nesse encontro com tantos e diferentes outros. Vivenciar a educação sensível é se assumir implicada no processo

formador e formativo, é acolher e também questionar, compartilhar saberes e dividir incertezas, é instituir relações (respeitando suas diferenças) e estar atenta, alerta, disponível. É respeitar os diferentes tempos de aprendizagem, de fala, é acolher com o corpo e com o olhar. É conseguir lidar com o inesperado, com os ditos e não ditos. Também é entender que, enquanto professores, não temos respostas para tudo, é assumir que temos medos e inseguranças.

Chaluh (2008), ao desenvolver uma pesquisa *na* e *com* a escola, sinaliza uma concepção de formação que compartilhamos:

O *outro* tem a possibilidade de me provocar por estar em um lugar privilegiado, por estar nesse lugar exterior do qual consegue enxergar coisas a meu respeito que eu mesma não consigo enxergar. A ideia de formação que desenvolvo neste trabalho passa, necessariamente, por pensarmos no *outro* como provocação, como alguém que provoca(*ação*), provoca-*ação*. Provoca uma ação. (CHALUH, 2008, p. 192, grifos do autor)

A autora nos apresenta o *outro* como provocação, como alguém que provoca-*ação* e, como em um trocadilho, provoca-nos a pensar que, para que esse movimento aconteça, é necessário que, como professores e formadores, consigamos enxergar *outro* – até fisicamente falando –, pois ele está ali, algumas vezes sentado, olhando-nos, movimentando-se, mexendo no celular, e até dormindo. E nos perguntamos/provocamos: será que sempre o vemos? Ver o *outro* é percebê-lo como um sujeito único, que tem um lugar e uma palavra a ser dita. Mas, na prática do dia a dia, na escola, existe uma educação que ofereça espaços para escutar o *outro*?

Não há uma resposta única, porém, a partir de nosso fazer docente, fica evidente que temos viabilizado algumas práticas que promovem espaços onde circule a fala ao se assumir uma postura de escuta, a potencialidade de cada sujeito e sua potência de autoria e de criação e a experimentação artística, corporal. Assumimos nossa responsabilidade e responsividade na perspectiva bakhtiniana, para quem o sujeito não tem *álibi*, e estar no mundo implica assumir o pensamento, o sentimento, o seu próprio ato e, assim, colocar nossa assinatura. Como Freire (2001) tem nos ensinado, somos sujeitos de *práxis*, de reflexão e ação, tão necessárias para a promoção de uma educação humanizadora, integral, sensível e que potencializa a curiosidade, aspecto necessário para que qualquer processo educativo possa ser significativo, sendo consciente de ser no mundo e com o mundo na busca da transformação que tanto almejamos.

Neste caso, a transformação a que almejávamos era que os participantes do curso abrissem seu olhar para uma prática diferenciada, que implicava dar maior atenção ao corpo, ao movimento, aos olhares, ao riso e à alegria.

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores
Essas experiências estéticas e artísticas, já mostradas anteriormente, vivenciadas por intermédio da contação de histórias dramatizadas, são provocações para que os professores revejam sua concepção de educação e pensem na escola como espaço de acolhimento da sensibilidade e curiosidade, de criação e experimentação. Para que os professores percebam, como afirmado por Perissé (2009), que:

Deixar-se formar pela arte não envolve, necessariamente, saber explicá-la. Antes de tudo, e depois de tudo, a formação estética do professor (muito longe de formatações pasteurizadas) consiste em que ele veja melhor o que está vendo, ouça melhor o que está ouvindo, saboreie melhor o que está saboreando. (PERISSÉ, 2009, p. 53)

Para que o professor vivencie e saboreie a formação continuada, que possa encontrar espaços para a sua própria criação, para a troca com seus pares, espaços para se desafiar, encorajar-se, maravilhar-se, entrelaçar-se, sensibilizar-se, rir, sonhar... Para que os professores encontrem espaços para *sentir*, assim como nos apresenta Duarte Júnior (2009):

O que ocorre na experiência estética, contudo, é que a consciência procura apreender o objeto desvincilhando-se dos laços condicionantes da linguagem conceitual. Nela o homem apreende o mundo de maneira *total*, sem a mediação parcializante dos conceitos linguísticos. Na experiência estética suspendemos nossa “percepção analítica”, “racional”, para *sentir* mais plenamente o objeto. Deixamos fluir nossa corrente de sentimentos, sem procurar transformá-los em conceitos, em palavras. *Sentimos* o objeto, e não, *pensamos* nele. No momento dessa experiência ocorre como que uma “suspensão” da vida cotidiana, uma “quebra” nas regras da “realidade”. (DUARTE JÚNIOR, 2009, p. 58-59, grifos do autor)

Vivenciar diariamente a educação sensível é entender a educação como prática de liberdade e, assim, compreender que todos, de alguma forma, estão envolvidos e implicados.

Neste texto, apresentamos experiências de processos formadores e formativos que nos atravessam e nos permitem sonhar e imaginar, processos que são vivos e regados pela paixão de sermos professores e que encorajam outros a o serem também, processos que percebem a arte como um lugar de aberturas, de proposição de diferentes perspectivas, de possibilidades de diferentes encontros, de provocações, que identificam a arte como um espaço de atravessamentos (PEREIRA, 2015).

Pereira (2015) ainda afirma que:

É preciso contribuir para a formação estética docente pensando a experiência para além da prática e sim um lugar de aberturas, um espaço de ATRAVESSAMENTOS entre ideias, experiências, objetos, lugares, tempos. Promover experiências que permitam aos professores olharem para a Arte a partir de diferentes linguagens artísticas, possibilitando ver as coisas existentes de modos diferentes, possibilitando a construção de diferenças interpretativas para dar ao mundo significados,

ARAGÃO; CHALUH
encontrando sentidos que são na verdade fruto das relações, dos
ATRAVESSAMENTOS no e com o corpo. (PEREIRA, 2015, p. 7-8)

A contação de histórias dramatizadas é uma prática da educação sensível que, no contexto do curso, convidou os participantes a assumirem seu lugar na roda, compartilhar histórias outras E, envolvidos em um processo formativo que os provocou e inspirou a partir de propostas e materiais diversificados, encorajar seus alunos a voar, mesmo que sem asas.

Considerações Finais

Percebemos a escola como lugar profícuo, possível e concreto para a formação de professores, para a troca de experiências entre os sujeitos, para a produção de conhecimento artístico e sensível.

Acreditamos que a educação sensível contribui efetivamente para a formação de professores e que essa perspectiva do sensível requer, além de comprometimento, uma mudança de postura nossa, enquanto professores, e, também, a disponibilização de espaços para criar, inventar, experienciar, viver.

Somos professoras comprometidas com a formação de professores, somos responsáveis e responsivas – afirmação inspirada em Bakhtin (2012). Segundo Bakhtin (2012, p. 80), “Somente o ato responsável supera toda hipótese, porque ele é – de um jeito inevitável, irremediável e irrevogável – a realização de uma decisão”. Somos responsáveis pelas nossas falas, atitudes, decisões, escolhas. Somos responsáveis, não temos alibi. Fomos e somos responsáveis por promover uma educação sensível, pois sabemos da urgência de legitimar essa educação nas escolas/universidades.

Vivenciar a educação sensível nas escolas é viabilizar espaços para escutar e falar, rir e chorar, encantar-se e se chocar. É compartilhar histórias outras, respeitar as diferentes relações construídas e o tempo de cada sujeito. Vivenciar a educação sensível é assegurar espaços para contar e ouvir histórias, redescobrir a expressividade do corpo, para se expressar sem medo de ser ridículo. Vivenciar a educação sensível é estar e pensar juntos, é se entregar e confiar.

Acreditamos na criação de espaços de formação que legitimem a autoria dos sujeitos e potencializem a fala e a escuta. Ao escutar o outro, também nos escutamos a nós mesmas, já que estamos implicadas no processo formador e formativo.

Depois dessa experiência no curso, podemos afirmar que as contribuições e as potencialidades da contação de histórias dramatizadas na constituição docente potencializaram a transformação de muitos desses professores, seja de seus corpos, de suas expressões, de seus olhares, seja ainda, de ousar contar uma história dramatizada. Essa nova prática de contação de história dramatizadas

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores encoraja os professores a contar e se divertir com seus alunos, realizando uma proposta que promove um fazer artístico na escola que legitima espaços de autoria, de fala, de experiências estéticas e artísticas para os alunos, que possibilita que o professor volte a se perceber como dono de um corpo latente de expressividade cênica. Percebemos, a partir do curso, que os professores vivenciaram, na prática, uma experiência que os modificou a ponto de se sentirem capazes de modificar o outro.

Muitas vezes se faz necessário não ter medo de ser ridículo (autêntico), não ter vergonha de revelar nossas fraquezas, de assumir nossas inseguranças, de compartilhar histórias, de estar abertos às incertezas dos encontros, de possibilitar pensar o não pensado, de fazer a palavra circular sem querer controlá-la o tempo inteiro ou ficar presa a um planejamento rígido. Não ter medo de afetar e ser afetado, de deixar-se surpreender por uma palavra, por um gesto, por uma história que pipocou em uma roda de conversas ou em volta de uma mesa no lanche coletivo. Por fim, acreditamos que acolher, compartilhar, partilhar afetos e histórias é colocar em prática uma educação sensível.

Referências

ARAGÃO, Janaina de Sousa. **Formar, experienciar, encorajar**: práticas de contação de histórias dramatizadas. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2021.

ÁVILA, Mayna Yaçanã Borges de; FERLA, Alcindo Antônio. O que pode o corpo? Corpografias de resistência. **Interface**: comunicação, saúde, educação, São Paulo, v. 2, n. 62, p. 731-748, jul./set. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BENJAMIN, W. O Narrador. *In*: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de; CHALUH, Laura Noemi. Escritos de aula na formação inicial. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 19, n. 2, p. 165-173, 2014.

CHALUH, Laura Noemi. Escritos do cotidiano escolar na formação inicial: atenção ao outro. *In*: VICENTINI, P. B.; CUNHA, J. L.; CARDOSO, L.A.M. (orgs.). **Experiências formativas e práticas de iniciação à docência**. Curitiba: CRV, 2016.

CHALUH, Laura Noemi. **Formação e alteridade**: pesquisa na e com a escola. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Porque arte-educação?** 21. ed. São Paulo: Papyrus, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'Água, 2009.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: _____*. **Mitos, emblemas, sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque: Contar histórias na escola.** Campinas: Papyrus, 2014.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação.** Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista,** Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, jan./mar. 2015.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2010.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta.** São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MATOS, Gislayne Avelar. Nas asas da poesia: contação de histórias como linguagem artística. *In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.). Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces.* São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

MATTOS, Laura Kemp de; ZANELLA, Andréa Vieira; NUERNBERG, Adriano Henrique. Entre olhares e (in)visibilidades: reflexões sobre fotografia como produção dialógica. **Fractal: Revista de Psicologia,** Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 901-918, set./dez. 2014.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; FERREIRA, Luciana Haddad; PREZOTTO, Marissol. Educação Sensível: formação e experiência na docência. *In: VII SEMINÁRIO FALA (OUTRA) ESCOLA,* 2015, Campinas. Anais eletrônicos... Campinas: FE/UNICAMP, 2015. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/7falaoutraescola/arquivos/ebook.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

PEREIRA, Ana Cristina Carvalho (org). **Atravessamentos: Ensino-Aprendizagem de Arte, Formação do Professor e Educação Infantil.** Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2015.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética e Educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

RANDO, Silvana. **Peppa.** São Paulo: Brinque-Book, 2009.

STRAZZACAPPA, Márcia Maria. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Caderno CEDES,** ano XXI, n. 53, p. 69-83, abr. 2001.

Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores

STRAZZACAPPA, Márcia Maria. Imersões poéticas como processo de formação do artista docente. **ARJ – Art Research Journal / Revista de Pesquisa em Artes**, v. 1, n. 2, p. 96-111, jul./dez. 2014.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 03/04/2023

Aprovado em: 13/04/2023